



## ASPECTOS DO RADIOJORNALISMO EM FLORIANÓPOLIS DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL – GOLPE DE 1964

Paulo Roberto Santhias

### Resumo

Informações novas sobre a História da mídia emergem depois de certo tempo de acomodação e processamento dos fatos, alterando a sucessão de acontecimentos em níveis diversos. Tantas vezes, guarda-se um fato na memória, temporariamente, e faz-se a revelação depois de muitos anos. São essas alterações e mudanças mesmo que pequenas capazes de apresentar revelações à história da mídia. A proposta deste trabalho é revisitar a história do radiojornalismo florianopolitano durante a ditadura militar no Brasil. Pesquisadores, inicialmente, consideram que a mídia da Capital ficou inerte ao regime. O objeto deste artigo não é discutir o comportamento da mídia na ditadura. Temática rebuscada há algum tempo. Todavia, descobre-se que jornalistas e radialistas de Florianópolis se puseram de modo insólito à ditadura: ora, cumprindo as ordens oriundas dos militares, por um lado, e, tantas vezes, combatendo o regime, a seu modo, em uma cidade com suas características e especificidades próprias, como todas o são. Cenário que deve ser considerado como parte inseparável da História da mídia.

**Palavras-chave:** radiojornalismo; Florianópolis; ditadura

*Acadêmico de Direito Unisul, jornalista e mestre em História pela Udesc*

## Abstract

New information about the history of media emerges after certain settling time and assimilation of facts, changing the succeeded events in different levels. As often as not, a fact was kept in mind, temporarily, and revealed years later. Those changes, even small, are able to present revelations to the history of media. The purpose of this paper is to revisit the history of Florianopolitano's broadcast journalism during the military dictatorship in Brazil. researchers, initially, believe that the media of the capital have been inert to the regime. The objective of this paper is not to discuss the comportment of the media during the dictatorship. Theme enhanced for some time. However, it turns out that journalists and broadcasters from Florianópolis have made themselves an unusual way to dictatorship: sometimes fulfilling the orders from the military, on one hand, and, others, fighting the regime, in their way, in a city with its own characteristics and specificities, as all is. Scenario that should be considered as an inseparable part of the history of media.

**Palavras-chave:** radio jornalismo; Florianópolis; dictatorship

## 1) INTRODUÇÃO

Havia um tempo em que a audiência do rádio predominava em relação a outros meios de comunicação em Florianópolis. Ainda mais em se tratando de radiojornalismo político e de programas desta área consagrada do jornalismo. São da época em que as pessoas paravam o que faziam, ou redobravam a atenção auditiva a fim de ouvir o que os jornalistas iriam falar sobre a política no estado, na cidade e no país. Saber a novidade da última hora, o furo do dia e o fato de destaque, notícias e informações que somente eram possíveis saber através das ondas sonoras das rádios Guarujá e Diário da Manhã. Inclusive de forma tendenciosa, porque tais programas e jornalismo eram elaborados para atender a governos e partidos. O ouvinte sabia disso, e exatamente

por esse motivo desdobrava-se em atenção às notícias lidas e, tantas vezes até interpretadas(teatralmente) pelos locutores, jornalistas, repórteres e comentaristas. A mesma pessoa ocupava diversas funções, concomitantemente. Sim, havia aparelhos de televisão na Capital, mas ainda eram bem poucos. Emissoras que transmitiam os programas em fitas, gravados e editados. Ao vivo, mesmo, só as emissoras de rádio o conseguiam pôr em prática.

Os últimos anos do século XX, sobretudo a partir de 31 de março de 1964, foi um período construído na história pelas lutas políticas, pelo fim da ditadura e retorno da democracia em países da Europa e da América. Mas também foi marcado pelas limitações impostas pelo contexto tecnológico da época. A liderança de audiência do rádio entre as décadas de 1960 e 1980, em Florianópolis, era singular. A programação artística e cultural e sobretudo, a postura jornalística tomada pelas duas principais emissoras de Florianópolis: Guarujá e Diário da Manhã no contexto da Ditadura Militar no Brasil são temáticas instigantes a pesquisadores no decorrer dos 50 anos de golpe e implantação da Ditadura Militar no Brasil.

Qualquer ensaio que tente discutir o radiojornalismo político nas décadas de 1960 a 1980, em Florianópolis, deverá escavar a História política de Santa Catarina, assim como a do Brasil, revolvendo ainda períodos anteriores, retornando a governos de Getúlio Vargas, Nereu Ramos, Aderbal Ramos da Silva, Antonio Carlos Konder Reis, Jorge Bornhausen, Amin e Colombo Salles com o intuito de ampliar a compreensão do alcance e da dimensão do radiojornalismo praticado na Capital. É o que propõe este artigo.

Politicamente, as duas emissoras AM (amplitude modulada) mantinham vínculos diretos com os partidos dominantes de 1945 a 1964: o PSD (Partido Social Democrático), do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, era defendido pela Rádio Guarujá; a UDN (União Democrática Nacional), do ex-governador Irineu Bornhausen, era exaltada pela Rádio Diário da Manhã. Depois do golpe militar de 31 de março de 1964, como explica Carreirão (2006, p.20), “as “oligarquias” rivais rapidamente se acertam dentro da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido e apoio ao regime autoritário.” Medeiros e Lúcia Helena Vieira (1999, p. 49) acrescentam, “O governo de Aderbal Ramos da Silva não chegou a destacar-se sob o aspecto administrativo. Em

compensação, Aderbal logo percebeu o grande “cabo eleitoral” que o rádio poderia ser para si e seu partido.” O professor Jali Meirinho, da UFSC apud MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p. 50, expõe:

a partir de 1945 e mais notadamente nas décadas de 50 e 60 vão surgir uma série de emissoras de rádio por todo o interior do Estado. Elas terão uma enorme influência no processo político. O rádio nesse período foi o grande meio de comunicação e de penetração em todas as áreas do Estado, tanto no meio urbano como rural, tendo forte influência no processo de politização da população. As grandes correntes políticas logo de início se preocuparam em deter em suas mãos determinadas emissoras, tanto na capital como no interior, de modo a ter facilidade no processo de propaganda eleitoral. A influência do rádio foi tão expressiva nesse período a ponto de partidos manterem programas diários de divulgação e propaganda partidária, mesmo fora do período eleitoral.

Esse modelo apresentado deriva da política de comunicação radiofônica implantada pelo governo de Getúlio Vargas, ainda na Revolução de 1930, e continuada logo após o fim do Estado Novo, em 1945. Retomado por tantos outros governos na esfera federal e estadual. Chagas (2012, p.6) aponta:

Diversos estudos centralizam em Vargas a crítica pela apropriação da radiodifusão para fins políticos, com o objetivo de conquistar a visibilidade para si e para suas realizações. Posto de outra forma, o cerceamento da circulação das formas simbólicas era parte de um esforço para a unificação do pensamento em torno de suas causas. A História aponta, contudo, os sucessivos governos igualmente fazendo uso dos meios eletrônicos de difusão de forma a garantir audiência para suas ações políticas e, em última instância, para projetar imagens e símbolos eficazes na manutenção da visibilidade pública. Merece consideração a semelhança do emprego doutrinário da radiodifusão durante o Regime Militar, em prol da construção de uma imagem positiva de um governo impostor, com o uso da radiodifusão na era Vargas.

Seguindo essa modelagem de concessão e programação político partidária, ambas as emissoras da Capital passaram a estabelecer duelos de jornalismo político, orientados pelas cores partidárias hegemônicas a cada emissora. Mas antes disso, no interior do estado, em Joaçaba, na Rádio Catarinense, os irmãos Adolfo e Walter Zigelli apresentavam o programa, de acordo com Comassetto (2007, p. 102) “UDN em Marcha” que tinha a função também de divulgar notícias desmoralizando os adversários.” Comassetto acrescenta:

O programa era tão contundente e gozava de tanta audiência, que atraiu a atenção do então governador Jorge Lacerda, que, em 1956, não hesitou em

levar os irmãos para a Rádio Diário da Manhã, de Florianópolis, onde tiveram a incumbência de criar programa semelhante, promovendo as ações do governo, sem, obviamente, esquecer de desmerecer os opositores. A aceitação foi tão grande que não demoraria para este se tornasse o noticiário mais famoso e popular do rádio estadual.

Até então, a programação do radiojornalismo de Florianópolis estava baseada em fórmula elaborada pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro e pelo Repórter Esso. Com as presenças dos irmãos Zigelli, na Capital, tanto o primeiro programa, intitulado “O Governo do Estado em foco” como o seu sucessor “A marcha dos acontecimentos” alterava o incipiente jornalismo político no rádio praticado no estado, impulsionando-o à fase subsequente, a criação do programa Vanguarda, já em período de Ditadura Militar no Brasil. Conforme o jornalista Moacir Pereira (1992, p.50), “A vinculação partidária ou uma forte tendência política e ideológica, características da imprensa escrita no Império e na República, passará a nortear, também, muitas emissoras de rádio.”

Na pesquisa realizada por Ricardo Medeiros e Lúcia Helena Vieira, os nomes dos programas veiculados na Rádio Sociedade Catarinense, são: UDN em foco e UDN em marcha, com sonoplastia e trilhas sonoras vibrantes a partir, provavelmente, de uma estética sonora marcada por músicas marciais e locuções vibrantes. Os programas da UDN entravam no ar ao meio-dia e meia, pontualmente. Já os do PSD entravam no ar às 13h15. Os autores (MEDEIROS e VIEIRA, 1999, p.76) ressaltam que, ainda em Joaçaba:

A primeira parte do programa era constituída de notícias exageradamente favoráveis à União Democrática Nacional. A outra era de notícias desmoralizando o outro lado. Além disso, nessa época, o PSD ainda não possuía estação de rádio, mas nos períodos eleitorais os pessedistas compravam o espaço na emissora da UDN e faziam um programa semelhante, intitulado *PSD em foco* ou *PSD em Marcha*.

Nas décadas de 1950 e 1960, a Diário da Manhã e a Guarujá eram o modelo de rádio privada autorizado pelo governo central, que buscava na publicidade e propaganda a sustentação financeira dessas emissoras. Aqui surge uma dúvida ainda não plenamente esclarecida: a geração de renda dependia mais do comércio do que das empresas públicas e instituições governamentais locais? Mesmo assim, a fórmula e o método de produção radiofônico havia sido ditado pela Rádio Nacional, conforme

destaca Jambeiro (2004, p.112) (apud Campos, 1941:34):

Mas é no Estado Novo, sem dúvida, que a simbiose do rádio com a política tem a sua maior expressão. Para forjar uma ideologia estado-novista aceitável pela população, o governo investe significativamente na área da radiodifusão, através de patrocínios dos programas mais populares e dos artistas, já então transformados em ídolos. Além da Hora do Brasil, que a partir de 1938 passa a ser obrigatoriamente transmitido para todo o país, e da Rádio Nacional, o Estado Novo mantém mais uma emissora oficial, a Rádio Mauá, subordinada ao Ministério do Trabalho e autodenominada “a emissora do trabalho”, que popularizava a imagem de Vargas como o benfeitor dos trabalhadores no Brasil. Para se ter ideia do uso do rádio nesse processo, basta lembrar a máxima de Francisco Campos, o ideólogo do Estado Novo: “Não é preciso o contato físico entre o líder e a massa para que haja multidão.

Para encerrar esse histórico do período anterior a 1964 é relevante compreender a contextualização política e social imposta pelo interventor Nereu Ramos, no período de Getúlio Vargas e que transformou-se em uma herança anacrônica para populações do estado. Na entrevista concedida especialmente para este trabalho, o jornalista Moacir Pereira conta:

Durante a ditadura getulista, Nereu Ramos mandou em Santa Catarina como interventor federal. Realizou grandes obras, muitas até hoje prestando serviços a população. Mas perseguiu os alemães, por ordens de Getúlio, e comandou o Estado com mão de ferro.

Em termos de desenvolvimento de Santa Catarina pontos para o governo Celso Ramos, que mudou a face do Estado. É a partir de 1960 que o Estado ganha um novo impulso. Os grandes projetos estruturais que colocaram Santa Catarina como este modelo para o Brasil foram executados no governo Celso Ramos. Veio, depois, na mesma linha, o governo Colombo Salles, que combateu as oligarquias. Como foi indicado pelos militares teve todo apoio federal.<sup>1</sup>

Os governadores estaduais foram sucedendo na seguinte ordem:

Jorge Lacerda (UDN), 1956 a 1958; Heriberto Hulse, 1958 a 1961; Celso Ramos (PSD), 1961 a 1966; Ivo Silveira (PSD), 1966 a 1971; Colombo Machado Salles (Arena), 1971 a 1975; Antonio Carlos Konder Reis (Arena), 1975 a 1979; Jorge Konder Bornhausen (Arena), 1979 a 1982; Esperidião Amin (Arena), 1983 a 1987; Pedro Campos (MDB) 1987 a 1989; Casildo Maldaner (PMDB), 1989 a 1991 e Wilson Kleinubing, 1991 a 1994.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida em: 18.02.2014, por e-mail.

<sup>2</sup> Informações retiradas do site:

<http://www.arquivodeblumenau.com.br/pesquisa.php?busca=&categoria=&id=10963>, acesso em 23.02.2014

## O radiojornalismo na década de 1960

A programação das rádios Guarujá e Diário da Manhã ficavam mais parecidas com as das grandes emissoras do Rio de Janeiro, Nacional, Globo e Tupy e, ainda das de São Paulo, Eldorado, Bandeirantes e Record. Artistas e cantores dessas cidades eram recebidos com entusiasmo pelos locutores e artistas de Florianópolis. Havia ainda na grade de programação as rádio-novelas, as coberturas esportivas, informações de serviço público e programas musicais noturnos. Moacir Pereira (1992, p.70-71) rememora:

A Rádio Guarujá foi a primeira, mas a inauguração da Rádio Diário da Manhã como porta-voz da UDN (a Guarujá pertencia ao PSD), viria a agitar o ambiente da cidade. seu “cast” de radioatores, no qual pontificavam nomes como Aldo Silva, Janine Lúcia, Neide Maria Rosa, Nivea Marques Nunes e Alda Jacinto, desfrutaria de uma popularidade só igualada pelos cantores da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, cujos programas eram avidamente ouvidos.

A Rádio Guarujá praticava, ao menos aparentemente, um radiojornalismo político partidário mais ameno em relação à Diário da Manhã. Porém, o golpe militar promoveu a união dos políticos adversários antigos sob o mesmo partido, a ARENA, e essa desavença foi muito mais sufocada do que encerrada. É sempre relevante ressaltar que as famílias de Aderbal Ramos da Silva, PSD e Irineu Bornhausen, UDN, abrigaram-se sob a mesma sigla, arrefecendo a briga partidária havida ferozmente no período anterior, mas ressurgida quando o regime militar deu fim ao bipartidarismo. Por exemplo, da Arena surgiram o PDS e o PFL, com ideais da mesma vertente, contudo com diferenças internas extremas. Mas, a fusão partidária da década de 1960 foi mais percebida no radiojornalismo da Diário da Manhã, conforme Pereira:

Com a Arena, a “Marcha” perdia o sentido. Surgia, então, o programa “Vanguarda”, numa linha de informação, bom humor, comentários, variedades, esportes, enfim, uma espécie de retrospectiva do dia. Entrava no ar ao meio-dia, atraindo as maiores audiências do rádio em Florianópolis. Prestigiadíssimo pelo público e temido pelos políticos, especialmente pelos detentores do poder, fazia tremer o Palácio e as Secretarias todos os dias com seu “Informe Confidencial”, a nota mais importante dos bastidores da administração e da política, lida em tom apocalíptico pela voz competente de seu produtor e apresentador. Adolfo

Zigelli abandona definitivamente o engajamento partidário para assumir uma postura de absoluta independência, um profissionalismo que então começava a se praticar apenas no eixo Rio-São Paulo. Quando, em 1975, foi convidado pelo governador Konder Reis para assumir a Secretaria de Imprensa, ocupando seu primeiro e único cargo público, fez um marcante editorial de “até logo”, mencionando as incompatibilidades entre o jornalismo que praticava e o cargo que iria assumir.

O experiente jornalista Moacir Pereira, no ano de 1965, trabalhava para duas empresas na Capital, banco e uma das emissoras. Na entrevista feita para o presente artigo ele complementa a partir da vivência de corporações antagônicas:

“Na campanha eleitoral de 1965 vivi um dilema profissional delicado. Trabalhava como repórter da Rádio Diário da Manhã, da UDN, que defendia abertamente a candidatura ao governo de Antônio Carlos Konder Reis. No período da tarde dava expediente no Banco Paraná Santa Catarina, o “Nossobanco”, que tinha como um dos principais acionistas o dr. Aderbal Ramos da Silva, do PSD, que defendia a candidatura de Ivo Silveira. No banco, perguntavam se eu estava com Konder Reis e na Diário indagavam se votaria em Ivo Silveira. Felizmente, nunca souberam.

Era o retrato de uma época. No ano seguinte, os partidos foram extintos e logo surgiu verticalmente o bipartidarismo com Arena e MDB. A Arena resultou da fusão PSD-UDN em Santa Catarina.

Adolfo Zigelli, o pioneiro na profissionalização do jornalismo eletrônico, criou em 1967 o “Vanguarda”, que substituiu “A Marcha dos Acontecimentos”.

A “Marcha” era um programa partidário, porta-voz da UDN. Os irmãos Adolfo e Walter Zigelli arrasavam com o PSD.

O “Vanguarda”, ao contrário, adotou uma postura mais isenta e imparcial, sem vínculos partidários. Mesmo com o Diretor Geral, cel. Euclides Simões de Almeida, udenista rachado, ter permanecido no cargo. Zigelli conquistou a independência e transformou o “Vanguarda” no programa radiofônico de maior audiência, prestígio e credibilidade em Santa Catarina.

Neste mesmo período, o “O Estado”, que era do PSD do dr. Aderbal, começou também a mudar até se constituir no melhor diário de Santa Catarina.”<sup>3</sup>

A prática de pressão discreta sob Moacir Pereira através de olhares, insinuações, perguntas fora de contexto e propósito são indícios de controle político, ainda que de modo reservado, sobre o pensamento e o trabalho tanto dele como de algum outro jornalista.

O ano de 1965, convém mencionar seguindo a perspectiva histórica, era de eleições para governador. Antonio Carlos Konder Reis, pela UDN, e Ivo Silveira, pelo PSD, concorreram ao mandato. O historiador João Carlos Mosimann (2009, p.508) descreve: “As eleições de 1965, nas quais Ivo Silveira derrotou a UDN, reservavam algumas surpresas para os militares em outros Estados...” Depois dessa eleição os

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida em: 18.02.2014, por e-mail.



governadores passaram a assumir os cargos por intermédio das ordens dos presidentes militares, eram os governadores biônicos.

### **A prática do radiojornalismo florianopolitano**

Em artigo publicado na internet, o professor e radialista Antunes Severo relatou como se dava a grade de programação do jornalismo da Rádio Diário da Manhã:

Três jornais falados, dois de 30 minutos pela manhã e ao meio-dia, e outro de uma hora, às dez da noite.  
Um programa de variedades - notícias e serviços - das seis às sete horas manhã.  
Doze edições de noticiosos de cinco minutos no período das oito da manhã às 21 horas.  
Dois programas esportivos de 30 minutos pela manhã e no final da tarde.  
Um talk show de 30 minutos às onze e trinta da manhã.<sup>4</sup> (SEVERO, 2014)

Muito desses acontecimentos provém da memória das pessoas e daqueles profissionais que se dedicaram com paixão intensa pelo rádio. O acervo de fitas de gravação, roteiros de áudio e programas e documentos que possam ser pesquisados é escasso e, na maioria das vezes, foi guardado por poucas pessoas para a consulta dos pesquisadores da área. Antunes Severo, por exemplo, que é um dos maiores pesquisadores do rádio de Santa Catarina, aponta para esse problema de conservação de documentação material e fonográfica.

Do pouco de documentos que restam daquele período (MEDEIROS e VIEIRA, p. 79) trazem à tona:

Em 1967 o programa sofre nova transformação. Dos microfones da RDM, José Valério Medeiros anunciava às 12h30:  
“Bradesco, garantia de bons serviços, apresenta...  
VANGUARDA.  
O que se faz, o que se diz, o que se pensa. Gente, notícia, opinião.  
VANGUARDA.”  
O silêncio reinava na Capital naquele horário. Udenistas e pessedistas, agora na Arena ou no MDB, paravam para ouvir o noticiário, as crônicas, os comentários. Todos temperados pela ironia e a irreverência sutis do estilo único de Adolfo Zigelli. Sua atuação marcou uma época. Zigelli provocou a renovação da linguagem jornalístico-radiofônica, que deixou de lado os facciosismos para privilegiar a informação objetiva, direta e enxuta, mas sobretudo, provocativa e instigante.

---

<sup>4</sup> Artigo publicado no site caros ouvintes em: 30.01.2014, por Antunes Severo.

A gravação de noticiários das principais emissoras do Rio de Janeiro e de São Paulo era uma prática nas redações das rádios de Florianópolis, como também de tantas outras país afora. O formato, a voz, a locução, a redação e detalhes captados eram reproduzidos pelos jornalistas daqui, informa Moacir Pereira, sobretudo no período a partir de 1968, quando foi instituído o AI-5:

“O noticiário nacional e internacional era gravado de emissoras do Rio (JB, Globo) ou São Paulo ( Tupi, Difusora) e depois desgravados. Tínhamos um acelerador para reproduzir as informações e datilografar tudo. O noticiário local era captado pelo telefone ou pelos repórteres. Com “Vanguarda” começamos a usar os gravadores portáteis – eram de tamanho grande – e editávamos na redação.

Estes sistemas vigoraram durante praticamente todo o regime militar. Os jornais é que tiveram evolução. Trabalhavam com composição a quente, com chumbo, passaram a composição eletrônica, impressão off set e, finalmente, o sistema digital.

Na ilustração, passaram dos “clichês” para radifoto, telefoto e, grande conquista, a chegada do fax. Finalmente, a Internet, que mudou tudo.”<sup>5</sup>

Uma outra prática comum tanto naqueles dias como ainda hoje é a leitura de jornais e matérias pelos locutores apresentadores, ípses líteris, do que foi escrito e, por isso mesmo, provoca confusão entre ouvintes, pois acreditam que a leitura é espontânea e surgida naquele momento.

Os computadores dessa época, é bom destacar-se, ocupavam andares inteiros e serviam muito mais a bancos e instituições públicas do governo federal renomados.

Antonio Carlos Konder Reis, governador biônico escolhido pelos militares, em 1976, recebia o apoio do principal jornal catarinense à época, O Estado, através de editoriais que expunham os motivos. O jornal e a Rádio Guarujá eram de propriedades da família Ramos. Mosimann, p. 511, resume a situação:

A imprensa de Santa Catarina apoiou, de forma ostensiva, o golpe e seus desdobramentos. O jornal O Estado, o mais antigo diário de Santa Catarina, fez apologia do regime desde o início, com seus editorialistas e colonistas ironizando as esquerdas e tecendo loas aos generais-presidentes. Nos primeiros dias do movimento, em abril de 1964, o jornal publicava “Notas Oficiais” quase diárias assinadas pelos comandos militares, todas elas externando recomendações e ameaças àqueles que por ventura se aventurassem a incitar alguma reação ao golpe. O jornal já se posicionara contra a campanha da ilegalidade por ocasião da renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida em: 18.02.2014, por e-mail.

Jornalistas catarinenses de oposição ao regime militar, por sorte, foram demitidos e perseguidos. Mosimann (2009, p.514) relata que além de Paulo Stuart Wright (deputado estadual) e Higino João Pio, os jornalistas Rui Oswaldo Aguiar Pfützenreuter e Wanio José de Matos foram “reconhecidamente desaparecidos e mortos” pelo Regime Militar de 1964.

Quanto a profissionais do radiojornalismo, Moacir (PEREIRA, p. 93) aponta para uma situação ambígua, ou o jornalista se submetia ao regime, ou era afastado das funções:

O depoimento de Nestor Fedrizzi é outro ingrediente a facilitar o entendimento deste período:

Em junho de 1975, como consequência de problemas internos, a TV Coligadas, em franca expansão no Estado, foi vendida a um grupo de empresários liderados pelo sr. Mário Petrelli. Convidado a permanecer no cargo, aceitei com a condição de que o telejornalismo continuasse como fora até ali: absolutamente isento de qualquer influência político-partidária ou econômica. Dias mais tarde, não só o telejornalismo, mas toda a emissora, estava atrelada do Governo do Estado.

No dia 8 de julho de 1975 peguei meu boné e encerrei a minha carreira jornalística.

Jornalistas remanescentes do rádio ocuparam as principais funções e cargos quando do surgimento da televisão catarinense, assim como nas emissoras em nível nacional de transmissão. Não havia, ainda, o contingente de jornalistas e uma formação específica para o exercício de funções e cargos nas televisões brasileiras. Com isso, as emissoras buscaram o talento e a experiência de profissionais do rádio.

Moacir Pereira presidiu o Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina na década de 1970, ao final dos “anos de chumbo” da ditadura militar. Enfatizando que era o período de vigoração do AI-5 (Ato Institucional nº 5), que perdurou de dezembro de 1968 a dezembro de 1978. A Imprensa estava sob a ação tenebrosa censura. No depoimento para este trabalho Moacir diz:

“Quando presidi o Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, entre 1975-1978, fui ameaçado várias vezes e, em pelo menos duas ocasiões, intimado a comparecer no “Grupamento do Leste Catarinense”, atual 14ª. Batalhão de Infantaria, para “conversar” com o comandante.

Afinado com o Sindicato de São Paulo, presidido pelo corajoso Audálio Dantas, unimos aqui nossas forças pelo fim da censura, com várias iniciativas,

manifestos e movimentos.”<sup>6</sup>

Em outro trecho do depoimento Moacir complementa:

“A única censura que sofremos na época foi a partir de dezembro de 1968, com a vigência do Ato Institucional n. 5. Com outras rádios, jornais e televisões, policiais federais chegavam nas redações com as ordens de censura do Ministério da Justiça, exigiam o “ciente” dos jornalistas de plantão, não deixavam nenhum documento (A censura era inconstitucional). E todos cumpriam a determinação federal.”<sup>7</sup>

Entre os jornalistas que experimentaram o modo de agir da repressão militar brasileira é Sérgio da Costa Ramos, ainda em atividade e colunista do Diário Catarinense. Ele foi preso pelo regime por ter publicado a crônica intitulada, “Eu e seu Arthur na calada da noite”, um dia após a visita do general presidente Arthur da Costa e Silva. Pereira revela que o jornalista Sérgio da Costa Ramos foi preso, levado a Curitiba, onde permaneceu preso por vários meses, julgado e considerado inocente. Talvez os militares acreditassem à época que o crime estivesse na proposta do jornalista, feita na crônica, em que percorriam juntos, Sérgio e o presidente, o centro da cidade. Uma audácia para aqueles tempos.

### **O surgimento das emissoras FMs no Brasil**

Na década de 1970, foi verificado o crescimento dos conglomerados de comunicação no país, principalmente através das estações de televisão e da propagação das emissoras de FM Frequência Modulada. A tecnologia nova permitiu melhorar a qualidade de transmissão sonora, como assinala Zuculoto (2012, p. 118), “Com a efetiva implantação do rádio FM no Brasil, houve um aumento do número de emissoras, melhoria da qualidade do som, o aprofundamento da segmentação da programação e também da especialização e o surgimento de novas linguagens.”

Leandro Comassetto também pesquisou: De Marco e Benhur (apud COMASSETTO, 2007, p. 110, O controle da mídia):

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida em: 18.02.2014, por e-mail

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Idem.

O regime militar coincidiu com o período de surgimento do rádio FM, fator que contribuiu para que o número de emissoras dobrasse em Santa Catarina. De 1965 a 1985, o Estado recebeu 67 novos canais de rádio e dez de televisão, concessões que “beneficiaram não só empresários confiáveis ao regime militar, mas, em muitos casos, contemplavam quase que diretórios municipais inteiros da Arena (depois PDS). Só no governo de Figueiredo, das 42 novas concessões de rádio, apenas seis escapam de uma relação direta com o PDS.

Jornalista de política do Diário Catarinense, atualmente, Moacir Pereira, apresenta um contraponto relevante que marca o período de implantação das FMs brasileiras, e que atinge diretamente a produção jornalística das rádios daquele período. Na entrevista Pereira diz:

“Os incentivos à instalação de emissoras FM foi uma estratégia do governo federal para evitar a divulgação de notícias e manter a população da classe média sem consciência crítica. Ao contrário do que ocorre hoje em dia, as emissoras de FM eram verdadeiros toca-discos, sem noticiário ou poucas notícias. Eram, também, muito econômicas. Funcionavam com um operador e um locutor no início e depois só com um profissional que cumpria os dois papéis. Com o passar dos anos, as estações de FM começaram a adotar o jornalismo.”<sup>8</sup>

Tal modelo de rádio afeta diretamente, por um lado, a qualidade do que se dizia ao ouvinte, “abobrinhas” e a música pop predominavam nos discursos e nas programações da maioria dessas emissoras FMs àquela época.

### **Considerações finais**

É um equívoco afirmar que todos os jornalistas e radialistas de emissoras de Florianópolis mantiveram uma postura apática e inerte relativamente a atuação e a repressão durante a ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1985. Durante este trabalho, ainda que breve, verificasse uma revisão na história do radiojornalismo florianopolitano praticado no respectivo período. Se, por um lado, temos o surgimento de empresas de comunicação como a chegada da RBS e o estabelecimento da concorrência por parte de empresários do setor, como a família Petrelli e a família Hoepcke, mesmo sem conhecer e ter vivenciado empresarialmente o ramo da

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida em: 18.02.2014, por e-mail.

comunicação, tem-se por outro lado, profissionais do rádio que de algum modo expõe seus pensamentos, suas insatisfações, suas reivindicações frente ao regime militar, ainda que de modo tímido, em menor contingente e eventos se comparado aos grandes centros do país, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre.

Em *A ditadura encurralada*, Elio Gaspari fala de uma geração de estudantes que foi para as ruas das maiores cidades brasileiras protestar pelo fim da ditadura e por eleições diretas para presidente da República. No ano de 1977, as passeatas lembravam, entre tantos fatos, a morte covarde do jornalista Vladimir Herzog, nos porões do quartel em São Paulo.

A Novembrada, ocorrida em 30 de novembro de 1979, na Praça XV de novembro, em Florianópolis, entrou para as páginas da História do Brasil, com a participação de estudantes e trabalhadores, como um dos protestos significativos contra o governo militar, a carestia, a inflação e o arrocho salarial. Além disso, havia o fato local conforme descreve o historiador Mosimann: “Enquanto quase todos aplaudiam a visita, o irreverente jornalista Beto Stodieck profetizava: Só pode ser inabilidade do ministro Said Farah pretender colocar sob a figueira da Praça XV placa homenageando Floriano Peixoto... É muita falta de comunicação do seu ministro das comunicações.” (Apud Mosimann, p. 519; Miguel, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis A novembrada de 1979*, Editora Insular)

As reações individuais e coletivas devem ser pesquisadas a fim de oferecer novas perspectivas de realidades vividas àquela época. Ao revisitar livros, conversar com fontes que viveram o período do lado de dentro das emissoras de rádio de Florianópolis, entrevistar jornalistas e radialistas, oportunizam-se revelar acontecimentos até então ocultados da maioria. Descortinar e dar voz a esses fatos, embora ocultados pela memória das fontes até então, são contribuições relevantes à História, legado de jornalistas que se arriscam a mergulhar nas profundezas desses 50 anos do Golpe Militar de 1964. São próprios do pensamento e raciocínio ilhéu, que não estão separados, mas são partes do bojo dessa História recente.

Referências:

CARREIRÃO, Yan de Souza; BORBA, Julian. *Os Partidos na Política Catarinense - Eleições, processo legislativo, políticas públicas*. Florianópolis. Editora Insular. 2006.

CHAGAS, Genira. *Rádiodifusão no Brasil Poder, Política, Prestígio e Influência*. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2012.

COMASSETTO, Leandro Ramires. *A Voz da Aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global*. Florianópolis. Editora Insular. 2007.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

JAMBEIRO, Othon et. al. *Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 191p. SciELO Books.

MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis. Editora Insular. 1999.

MOSIMANN, João Carlos. *Catarinenses: gênese e história*. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura. 2010.

PEREIRA, Moacir. *Imprensa & Poder - A comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis. Editora Lunardelli. 1992.

SEVERO, Antunes. O legado da Rádio Diário da Manhã. 30 jan. 2014. Disponível em: [www.carosouvintes.org.br](http://www.carosouvintes.org.br) Acesso em: 14 de dezembro de 2014.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. *No ar - a história da notícia de rádio no Brasil*. Florianópolis. Editora Insular. 2012.

webgrafia:

<http://www.arquivodeblumenau.com.br/pesquisa.php?busca&categoria&id=10963>

